



Aycoobo Wilson Rodríguez, *Calendário*, 2024

Foto: Eduardo Ortega

HISTÓRIAS DA ECOLOGIA NO MASP

Coletiva internacional conecta questões locais e globais por meio de diálogos entre artistas do Brasil e do mundo, muitos dos quais expõem pela primeira vez na América Latina

A mostra ocupa todos os espaços expositivos do Edifício Pietro Maria Bardi e reúne mais de 200 obras de artistas, ativistas e movimentos sociais de 22 países, entre os quais Colômbia, Islândia, Japão, Nova Zelândia, Peru e Turquia. A exposição investiga a ecologia como uma rede de relações entre seres vivos e o mundo que habitam, colocando em diálogo trabalhos de co-

munidades, territórios e ecossistemas de diferentes locais ou períodos. A curadoria é de André Mesquita e Isabella Rjeille, ambos do MASP.

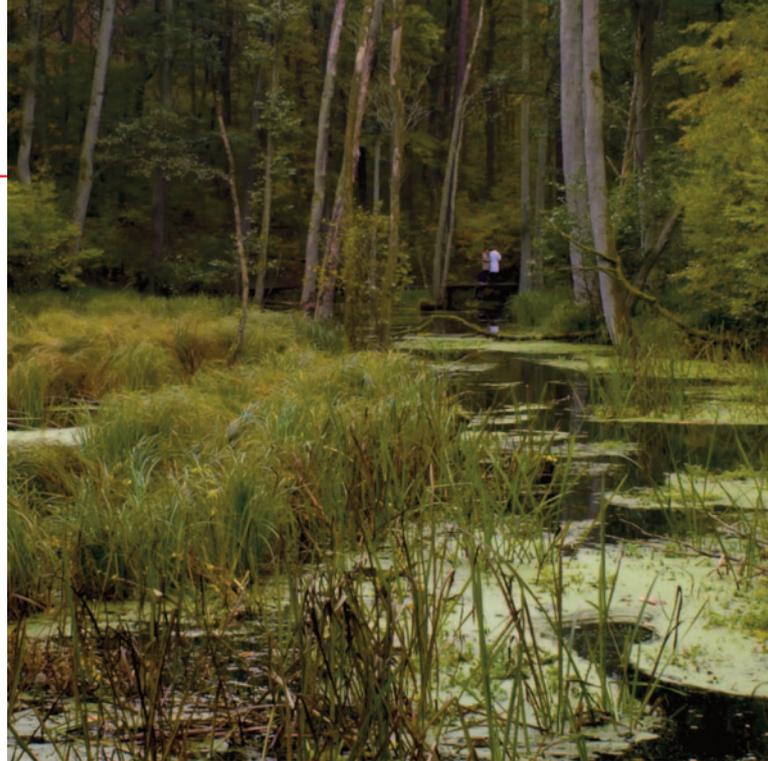
A escolha curatorial se afasta da concepção de uma natureza apartada da sociedade ou que compreende o ser humano como hierarquicamente superior. “É comum

que meio ambiente e ecologia sejam tratados como sinônimos. No entanto, escolhemos ecologia para abranger um sistema de relações entre humanos e mais que humanos – animais, plantas, rios, florestas, montanhas, fungos e minerais. Não conseguimos pensar a natureza separada do humano”, diz André Mesquita.

Os trabalhos selecionados revelam perspectivas artísticas em comum a respeito da ecologia ou de enfrentamentos aos efeitos da crise climática global, propondo uma reflexão poética sobre o tema ao evidenciar o fator humano e as implicações de marcadores sociais da diferença, como gênero, raça e classe. Em uma ordem linear, *Histórias da ecologia* é dividida em cinco núcleos temáticos: *Teia da vida*; *Geografias do tempo*; *Vir-a-ser*; *Territórios, migrações e fronteiras*; e *Habitar o clima*.

Teia da vida aborda diferentes percepções dessa rede de inter-relações – das cosmovisões indígenas às disputas por poder, influência e território. A obra *The Political Life of Plants* (2021) retrata complexos entrecruzamentos entre as plantas e outros seres. O vídeo acompanha o artista Zheng Bo (China, 1974) em uma caminhada por uma floresta de faias em Bradenburgo, na Alemanha. Durante o percurso, Bo conversa com os cientistas Matthias Rillig, especialista em biodiversidade e ecologia do solo, e Roosa Laitinen, que investiga a plasticidade genética das plantas. Os temas de suas pesquisas se entrelaçam às reflexões do artista e aos sons e imagens da floresta.

Geografias do tempo reúne olhares indígenas, afrodiáspóricos, rurais e urbanos sobre a terra e o cosmos, a vida e a morte, a regeneração e o cuidado. A obra *Ca-*

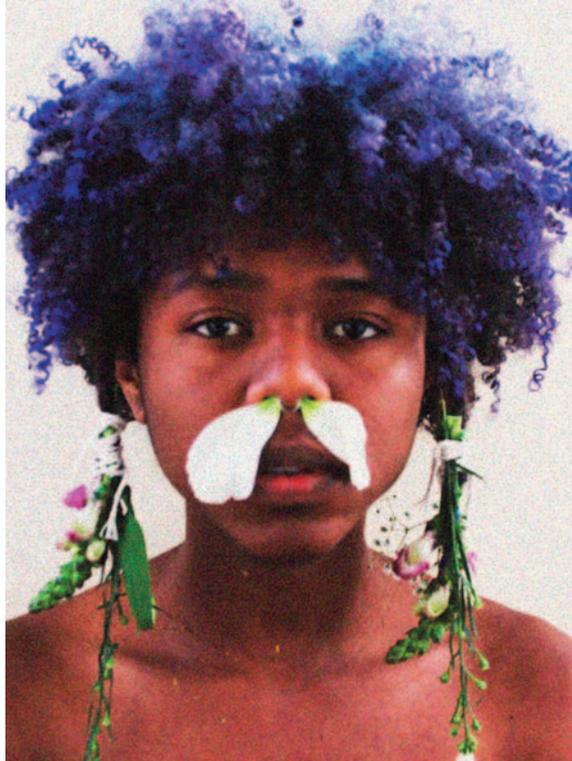


Zheng Bo, *The Political Life of Plants*, 2021 Foto: Still / Site do artista

lendário (2024), de Aycoobo Wilson Rodríguez, (La Chorrera, 1967), artista colombiano da etnia nonuyamuinane, traz uma perspectiva indígena amazônica sobre a temporalidade cíclica da natureza. O desenho revela um sistema de marcação temporal que transcende a lógica linear ocidental, associando a passagem do tempo às transformações vividas pelas árvores, plantas, animais e rios da floresta amazônica. Já Ana Amorim (São Paulo, 1956) tem uma abordagem íntima e processual da temporalidade urbana. Em *Passage of Time Study* (2018), durante todas as noites, por um período de um mês, a artista brasileira registra o mapa do seu dia e um número localizador. O resultado é um conjunto de 31 desenhos feitos com caneta esferográfica sobre papel.

Vir-a-ser investiga as relações entre seres humanos e mais-que-humanos, além de modos simbólicos, espirituais e materiais que estruturam esses vínculos. A série de desenhos *Tentativas de criar asas* (década de 2000), de Rosana Paulino (São Paulo, 1967), evoca

seres híbridos em constante transformação – trata-se de figuras femininas que tecem teias, rompem casulos ou ganham asas, libertando-se de estruturas que já não lhes servem mais, à semelhança de alguns insetos. A série fotográfica *Corpoflor* (2016-presente) propõe um hibridismo radical entre o corpo humano e o de outros seres da natureza. Em retratos e autorretratos, Castiel Vitorino Brasileiro (Vitória, ES, 1996) revela corporalidades imprevistas que transcendem as normas de gênero e sexualidade, criando formas de existir que resistem às categorizações binárias impostas pela sociedade.



Castiel Vitorino Brasileiro, *Sem título*, da série *Corpoflor*, 2016-em processo

de astronautas nômades, equipados com capacetes e vestidos com uma roupa espacial cujos tecidos se inspiram nos padrões africanos. Esses personagens parecem vagar sem rumo, à deriva, entre mundos devastados. Os astronautas de Shonibare carregam os traumas da crise climática e dos ecocídios que expulsam milhões de seus territórios de origem.

Habitar o clima sintetiza e, ao mesmo tempo, amplia questões centrais presentes nos demais núcleos de *Histórias da ecologia*. Nele estão reunidos trabalhos de artistas, coletivos e movimentos que investigam táticas de ocupar, experienciar e imaginar radicalmente a cidade e o campo. A instalação inédita *Descida da terra/trabalho das águas* (2025), de Cristina T. Ribas (São Borja, RS, 1980), reflete sobre os efeitos das enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul em 2023 e 2024. O trabalho comissionado pelo MASP consiste em um tecido translúcido suspenso diagonalmente no espaço expositivo, impresso com imagens que revelam como as águas



Rosana Paulino, *Tentativa de criar asas*, do *Caderno de possibilidades de voo (reais ou imaginárias)* ou *Caderno de figuras aladas*, década de 2000

Foto: Filipe Berndt

Territórios, migrações e fronteiras se debruça sobre os deslocamentos forçados, fluxos migratórios e fronteiras físicas e sociais. A escultura *Refugee Astronaut XI* (2024), de Yinka Shonibare (Londres, 1962), representa migrantes, estrangeiros e refugiados contemporâneos. Desde 2015, o artista produz figuras em tamanho real

redesenham a geografia de rios, lagos e bacias hidrográficas, impactando mais de 650 mil pessoas.

“Histórias da ecologia transita entre diferentes saberes: o geológico, o biográfico, o ancestral, o espiritual, o comunitário, o local, o planetário. Essas intersecções ampliam a visão sobre o que está em jogo na atual crise climática – não como um evento isolado, mas enraizado em estruturas coloniais e patriarcais que condicionam os modos de habitar o planeta”, afirma Isabella Rjeille.

SERVIÇO

Histórias da ecologia

De 4 de setembro até 1º de fevereiro de 2026
 MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
 – Edifício Pietro Maria Bardi – 2o ao 6o andar
 Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP
 Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta e quinta, das 10h às 18h (entrada até as 17h); sexta, das 10h às 21h (entrada gratuita das 18h às 20h30); sábado e domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas.

Agendamento on-line obrigatório pelo link masp.org.br/ingressos
Ingressos: R\$ 75 (inteira); R\$ 37 (meia-entrada)



Marcela Cantuária,
 Margarida Alves, 2020.
 Foto: Eduardo Ortega

Carmézia Emiliano, Moqueando peixe, 2020
 Foto: CABREL | Estúdio de imagem

